

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

CAROLINA MARIA DE JESUS, PRESENTE: Do quarto de despejo para sala de visita

Cristina Gomes Baltazar¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar aspectos das contribuições literárias da intelectual negra - Carolina Maria de Jesus, que obteve seu reconhecimento internacional por sua obra: Quarto de Despejo- diário de uma favelada. A intelectual viveu a maior parte dos seus 63 anos de vida em um processo de miséria contínua, sentindo a dor da fome. A autora apresenta em suas obras, em especial, em seus diários a dura realidade de uma mulher, negra, mãe solo, catadora de material reciclável, pobre e semialfabetizada em uma sociedade capitalista que violenta a população negra diariamente. Carolina, apesar de não ter sido submetida ao trabalho escravo, participou involuntariamente da reprodução do sistema escravocrata em seu cotidiano e aprendeu desde criança a dura realidade em ser uma mulher negra em uma sociedade racista. Por fim, a escritora Carolina possui escritos que a torna contemporânea, pois a realidade vivida dialoga com o presente.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; mulher; negra.

ABSTRACT

The present work aims to highlight aspects of the literary contributions of the black intellectual - Carolina Maria de Jesus, who obtained her international recognition for her work: Quarto de Despejo - diary of a favelada. The intellectual lived most of her 63 years of life in a process of continuous misery, feeling the pain of hunger. The author presents in her works, especially in her diaries, the harsh reality of a woman, black, single mother, collector of recyclable material, poor and semi-literate in a capitalist society that violates the black population on a daily basis. Carolina, despite not having been subjected to slave labor, unwittingly participated in the reproduction of the slave system in her daily life and learned since she was a child the harsh reality of being a black woman in a racist society. Finally, the writer Carolina has writings that make her contemporary, as the lived reality dialogues with the present.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; woman; black.

¹ Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo. Doutora em Serviço Social | Pesquisadora no Projeto Intelectuais Negras Brasileiras- UNIFESP E-mail: Cris_gbaltazar@yahoo.com.br

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como objetivo refletir alguns aspectos das contribuições literárias da autora Carolina Maria de Jesus a partir do seu lugar de fala, enquanto mulher negra, mãe solo, pobre, trabalhadora informal, com ensino fundamental incompleto.

Dialogar com os escritos de Carolina na perspectiva de um olhar não colonizador possibilita entender o que é ser uma mulher negra em uma sociedade cunhada pelo racismo estrutural, desenhada em um sistema sociopolítico patriarcal perante uma lógica capitalista.

O percurso metodológico baseia-se em pesquisa bibliográfica a partir de um levantamento das principais obras da autora, com destaque para o best-seller: Quarto de despejo, diário de uma favelada; Diário de Bitita e Casa de Alvenaria, bem como, interagir com autores que produziram estudos sobre a autora Carolina, como o intelectual Tom Farias, dentre outros e conjuntamente com as reflexões estimuladas no grupo de pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) no Projeto Intelectuais Negras Brasileiras².

O artigo está dividido em dois eixos centrais, sendo o primeiro a apresentação da artista Carolina, percorrendo principalmente com sua obra Diário de Bitita que permite compreender a Carolina menina, apelidada de Bitita evidenciando o cotidiano de uma jovem negra que almeja ser poetisa e na sequência destaca-se a vivência de Carolina Maria na cidade de São Paulo, em sua fase adulta em um processo de saber-se negra na sociedade hostil do capital interagindo com o seu best-seller Quarto de despejo e Casa de Alvenaria.

Por fim, partimos da compreensão que entender a autora Carolina Maria de Jesus é tecer um olhar sobre os desafios em ser uma mulher negra na contemporaneidade.

² Coordenado pela professora Dra. Renata Cristina Gonçalves dos Santos – Unifesp/Baixada Santista

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

2. PRAZER, CAROLINA MARIA DE JESUS!

Você conhece a artista multifacetada Carolina Maria de Jesus? Jesus, ganha fama nacional e internacional a partir da publicação do seu best-seller: *Quarto de despejo, diário de uma favelada*, em 1960, a obra é proveniente de aproximadamente 35 cadernos manuscritos que foram transformados em um livro com o auxílio do jornalista Audálio Dantas que conheceu Carolina na favela do Canindé na capital paulista local onde a autora residia junto com seus três filhos (dois meninos e uma menina).

Carolina Maria de Jesus, é mineira, nascida em 14 de março de 1914, após 26 anos da abolição da escravatura, na cidade de Sacramento em Minas Gerais, cidade interiorana, advinda da exploração do garimpo do ouro, com um perfil conservador que ainda exalava o período escravocrata estampado mediante a vulnerabilidade social vivenciada pela população negra. “O nível de empobrecimento das famílias negras era deprimente, social e culturalmente, e gritante, do ponto de vista político e econômico [...] Se a polícia não matava, no entanto, matavam a penúria, a fome e as doença” (FARIAS, 2018.p.33). E é nesse cenário que Carolina aprende desde criança que a pele negra retinta é a mais barata do mercado e principalmente a da mulher negra!

Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo, diziam: — Negrinha! Negrinha fedida! A avó de minha mãe dizia: — Eles são como os espinhos, nascem com as plantas. Não compreendi, mas achei tudo isto tão confuso! Por causa dos meninos brancos criticarem o nosso cabelo: — Cabelo pixaim! Cabelo duro! Eu lutava para fazer os meus cabelos crescerem. Era uma luta inútil. O negro é filho de macaco. Que vontade de jogar pedras. O meu prazer era ver uma menina branca suplicar-me: — Bitita, atira uma pedra naquela manga para mim. Eu tinha alvo, era só jogar, e acertar. Pensava: “Mesmo sendo preta, tenho alguma utilidade” (JESUS, 1986.s/p).

Bitita, como era conhecida na infância, filha de Maria Carolina de Jesus (Cota) e de João Cândido Veloso, sendo criada pela mãe Cota (apelido) junto ao seu meio irmão Jerônimo (mais velho).

Eu achava bonito ouvir a minha mãe dizer: — Papai! — E o vovô responder-lhe: — O que é, minha filha? Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe. [...] Várias

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

vezes pensei interrogá-la para saber quem era o meu pai. Mas faltou-me coragem. [...] Um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Araxá [...] Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar (JESUS, 1986. s/p).

Carolina, possuía uma personalidade forte, muito curiosa, questionadora, peralta, dona de uma memória vivaz. Estudou até o segundo ano do ensino fundamental no melhor colégio da região - Allan Kardec, a escola fora custeada pela patroa da mãe de Carolina – Maria Leite – na escola sofreu preconceito, racismo – tinha muita dificuldade para aprender, mas não desistiu e nem sua professora dela. Sua curiosidade em saber as coisas a tornava uma aluna muito aplicada! Na escola passa a se reconhecer pelo nome de Carolina Maria de Jesus, desenvolveu um apreço forte pela leitura e a escrita, um dos primeiros livros a ler foi Escrava Isaura - que a inspirou para um tom narrativo da realidade. O tempo escolar de Carolina foi curto, cursou os dois primeiros anos do ensino fundamental, mas o desejo em aprender sempre esteve com ela, logo, nunca parou de ler e escrever.

Como se trata de alguém que enveredaria, mais tarde, pelos caminhos da literatura, essa experiência autodidata não deve ser romantizada nem desprezada, mas sim investigada: o modo como Carolina conseguiu criar métodos tão singulares de apropriação da língua portuguesa para construir uma competência própria para a escrita. Nesse sentido, o autodidatismo de Carolina e a temática por ela adotada constituem-se como pontos diferenciais profundos de sua obra em relação à literatura que estava sendo produzida em sua época (CONCEIÇÃO, JESUS, 2021.p.13).

Carolina, após sair da escola mudou-se para a Fazenda Lajeado na cidade de Uberaba no estado de Minas Gerais com a sua mãe e o padrasto, para trabalharem na fazenda, foi um período muito bom, pois Carolina tinha o que comer diariamente, o que plantava colhia e comia, diferente da sua cidade natal, que a fome sempre a perseguia. Durante a estadia na fazenda, Carolina que já ajudava na roça começa a trabalhar na casa grande e ficou por 6 meses fazendo atividades domésticas para a dona Maria Cândida (sinhá) e nesse período aprendeu uma lição valiosa.

[...]a dona Maria Cândida disse-me: — Sabe, Carolina, você vem trabalhar para mim e quando eu for a Uberaba eu compro um vestido novo para você, vou comprar um remédio para você ficar branca e arranjar outro remédio para o seu cabelo ficar corrido. Depois vou arranjar um doutor para afilar o seu nariz. Pensei: “Então estes homens que trabalham aqui já foram pretos, e a fazendeira fez eles ficarem brancos! E quando eu ficar com os cabelos corridos e o nariz afilado, quero ir a Sacramento para os meus parentes me verem. Será que eu vou ficar bonita?” (JESUS, 1986. s/p).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

A promessa da patroa não foi cumprida, Carolina não recebera um tostão durante os longos seis meses que permaneceu na casa grande, muito menos qualquer “tratamento de beleza”.

Então ela enganou-me! Pensei nos seis meses que trabalhei para ela sem receber um tostão. Minha mãe me dizia que o protesto ainda não estava ao dispor dos pretos. Chorei. Olhei as minhas mãos negras, acariciei o meu nariz chato e o meu cabelo pixaim e decidi ficar como nasci. Eu não pedi nada a dona Maria Cândida, ela é quem usou um ardil para me espoliar. Não poderia e não deveria xingá-la, ela era poderosa. Nós dependíamos dela para viver, nos dava a terra para plantarmos. Mas roguei-lhe tantas pragas! (JESUS, 1986. s/p).

Carolina, aprendeu logo cedo que o trabalho da mulher negra não era valorizado, que a cor da pele branca e o poder aquisitivo permitia desvalorizar, humilhar a quem fosse julgado como subalterno e a partir desse episódio Carolina torna-se negra ao aceitar os seus traços, o seu cabelo e a sua pele retinta, afinal:

Saber-se negra é viver a experiencia de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetidas a exigências[...] Mas é também, e sobretudo, a experiencia de comprometer-se a resgatar a sua historia e recriar-se em suas potencialidades” (SOUZA, 2021. p.18).

Jesus e sua família deixam a fazenda por desentendimento com o patrão que os expulsam, a família retorna a Sacramento e na sequência arruma outro trabalho na cidade de Franca³, na colheita de café, eles ficam aproximadamente um ano em uma situação precária, advinda pela falta de pagamento, ausência de comida – passam fome e retornam para Sacramento.

Nós entramos pobres na fazenda, e saímos mais pobres ainda. Carpimos doze mil pés de café, e colhemos também, e não recebemos nada. Que crueldade! Nos tirar da nossa casa, nos espoliar, e nos abandonar sem um tostão[...]Que fome que nós passávamos! (JESUS, 1986. s/p).

Parafraseando Neusa Souza (2021), a intelectual salienta que a sociedade escravista ao colocar o africano enquanto escravo, taxou o negro como sinônimo de

³ Franca é um município brasileiro no interior do estado de São Paulo, que esta situada na região nordeste do Estado de São Paulo.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

raça, instituiu o seu lugar, a forma de ser tratado e tratar, a maneira de se relacionar com o branco, e estabeleceu a correlação entre cor negra e posição social inferior.

A vida evidenciava para a Carolina a exploração exacerbada das pessoas negras, a tal “liberdade” promulgada em 1888 faz com que o negro se submeta a situações degradantes para sobreviver e mesmo assim corre o risco de não sobreviver. Em seus diários, em especial no Diário de Bitita, a autora relata a diferença no tratamento entre a mão de obra negra e a imigrante nas lavouras de café, o negro não pode plantar para sua subsistência, enquanto o imigrante tem o consentimento do patrão plantar e vender.

O negro foi, mas o fazendeiro não consentia que plantasse arroz nas cabeceiras dos cafezais. Não podia plantar feijão no meio dos cafezais não podia criar porcos, nem galinhas; só cuidar exclusivamente do café[...]Só os italianos tiveram permissão para plantar no meio do cafezal, e vendiam o excesso de suas produções. E o fazendeiro pagava-os para cuidar dos cafezais (JESUS, 1986. s/p).

Enquanto, o negro a depender ainda saía devendo para o fazendeiro, sendo que em grande parte, quiçá sempre, o fazendeiro que devia ao colono negro. Dialogando com Clovis Moura (2019), o mesmo enfatiza que o aparelho ideológico de dominação da sociedade escravista instituiu um pensamento extremamente racista e visível na contemporaneidade, mediante a estrutura brasileira no processo da passagem do trabalho escravo para o trabalho livre deveria ter ocorrido um rompimento, entretanto, permaneceu praticamente a mesma lógica, com viés de dominação e ideológico foram mantidos e aperfeiçoados que fica nítido nos relatos de Carolina, que ao decorrer de sua vida presenciou as inúmeras formas de genocídio da população negra, seja pela população branca e até mesmo pelo Estado que almejava uma espécie de branqueamento da população brasileira com vinda dos imigrantes.

Rolnik (1989) alerta que a substituição do escravo pelo imigrante livre veio acompanhada de um projeto de branqueamento de sociedade segundo o qual os europeus “civilizados e laboriosos” contribuiriam significativamente para o desenvolvimento da nação, ao contrário dos escravizados que estavam condenados pela “bestialidade” da escravidão, logo, os europeus poderiam promover uma espécie de branqueamento, no país, por meio da miscigenação agregando seus “elementos

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

étnicos superiores”. Dessa forma, o negro livre continua condenado em virtude do racismo (BALTAZAR, 2021. p.50).

Dos 14 anos aos 20 anos de idade, Carolina percorreu diversas cidades dentre elas: Ribeirão Preto, Uberaba, Franca ... em busca de emprego e principalmente de tratamento médico. Essas andanças de carolina, na maioria das vezes era feita a pé, sozinha, passando fome, cede, frio, calor e muitas vezes dormia ao relento.

“Ouvi dizer que em Uberaba tinha bons médicos. Decidi ir até lá a pé. Peguei a minha trouxa e saí. Não me despedi de ninguém. Dormia nas estradas. Andava pelas estradas de rodagem. Que luta”! (JESUS, 1986. s/p). Suas pernas – que desde menina tinham muitas feridas, impossibilitava o uso de meias para cobri-las, ficando sempre visível– causando uma repulsa para quem olhava, além do cheiro forte devido aos remédios que passava. “— Eu sou pobre, além de pobre, doente. As doenças internas não nos impedem de trabalhar, mas as externas sim. Já estava cansada de viver às margens da vida” (JESUS, 1986. s/p).

Sua aparência chegava a ser um obstáculo para conseguir um emprego, mas com muito custo e após anos de busca conseguiu um tratamento na Santa Casa de Misericórdia⁴ e o problema foi sanado, as marcas permaneceram, mas já não era um impeditivo para o trabalho.

Nas tentativas de emprego não conseguia permanecer por muito tempo, visto que não era “prendada” para o trabalho doméstico, queimava a comida, não fazia o serviço direito, já que durante o horário de expediente lia e escrevia.

Eu era morosa. Não conseguia lavar toda a louça e cuidar da comida. A patroa me dizia: — Parece que você não tem prática de trabalhar. Anda depressa[...] Eu queria sair do emprego. Percebi que não dava conta do trabalho. E não sabia cozinhar à altura. Comecei a ouvir vozes iradas: — Ordinária. — Cadela, nojenta! Assustei, quando olhei o rosto da patroa. — Prepare as suas roupas e vá embora! (JESUS, 1986. s/p).

⁴ “Fundada há 460 anos, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia é uma instituição filantrópica, privada e laica, considerada um dos mais importantes centros de referência hospitalar do Brasil”. Disponível em: <https://www.santacasasp.org.br/portal/historico/>

PROMOÇÃO



APOIO





Carolina não se reconhecia naquela condição, almeja mais para sua vida – sonhava em ser uma poetisa e viver da sua arte. Aproximadamente aos 20 anos de idade, Carolina passa a morar na cidade de Franca acompanhada com sua mãe que já não estava mais com o companheiro. Em Franca, foram acolhidas em um circo, Carolina passou a pedir esmola, pois tinha dificuldade em permanecer empregada, afinal estava sempre distraída com sua leitura. Após dois anos em Franca, Cota retorna para Sacramento e Carolina em 1937 embarca para tão almejada cidade de São Paulo, fora contratada por um casal (professora e médico) que buscavam uma empregada para ir morar com eles em São Paulo.

Quando cheguei à capital, gostei da cidade porque São Paulo é o eixo do Brasil. E a espinha dorsal do nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve ser o figurino para que este país se transforme num bom Brasil para os brasileiros (JESUS, 1986. s/p).

3. SABER-SE NEGRA E MULHER: ENTRE O QUARTO DE DESPEJO E A SALA DE VISITA

Eu disse: meu sonho é escrever! Responde o branco: ela é louca. O que as negras devem fazer... É ir pro tanque lavar roupa (JESUS, 1996. p.36)

Carolina Maria de Jesus, chega à capital paulista em 1937, com o objetivo muito nítido em ser uma poetisa, Carolina que já escrevia poemas, busca as redações de jornais com intuito de publicar seus versos, no entanto, ela se depara com racismo, sexismo, pois os jornalistas gostavam dos escritos, porém quando visualizavam que a autora daqueles belos poemas era negra, o não vinha de imediato.

Entre as inúmeras poesias deixadas nas redações, algumas viraram até canções, porém a remuneração foi para o artista e não para a poetisa preta. “[...] Minha cabeça anda cheia de versos. Brotam sozinhos eu coloco-os no papel... Outros aproveitam do meu saber. Há discos com poesias de minha lavra. Mas o que adianta reclamar? Eu produzo e outros lucram” (JESUS, apud. FARIAS, 2018.p.121).

Em 1940, Carolina Maria tem seu primeiro poema publicado no jornal Folha do Amanhã, pertencente a Folha de São Paulo e conseguiu outras publicações pelas

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

redações paulistas, nada que a levasse a viver da sua arte, pelo contrário, continuava trabalhando como doméstica, auxiliar de cozinha...pulando de emprego em emprego.

Na reportagem publicada no jornal “A Noite”, ela expos com mais ênfase o seu projeto poético e literário. O jornal [...] publicou algumas de suas poesias, mas também o seu posicionamento enquanto “poetisa preta” [...] ela deixa claro o quanto o fazer poético esta envolvido em sua vida, para o bem e para mal, com forte contexto racial e de gênero incluídos (FARIAS,2018.p.122).

Na década de 1940 a escritora já levantava seu posicionamento étnico-racial e feminista, sendo possível identificar em seus poemas como uma forma de luta e resistência.

Negros têm todos [os] defeitos, sofrem sempre humilhação, se reclamam seus direitos, nunca os negros têm razão. Os negros não têm defeito, têm qualidade e valor. O judas não era pretos e vendeu Nosso Senhor! (JESUS, apud. FARIAS, 2018.p.123).

Entre o fim do ano de 1940 a 1942 Carolina Maria foi tentar se lançar no Rio de Janeiro enquanto poetisa, ao chegar à cidade maravilhosa vai trabalhar de cozinheira, mas a sua inabilidade na cozinha e suas poucas publicações nos jornais não a permite estender sua estadia, assim, retorna para São Paulo e passa a viver em situação de rua, em alguns momentos reside em cortiços, em prédios desocupados, pede dinheiro na rua, dorme debaixo de viaduto e passa fome.

Em 1948, Carolina Maria passa a morar na favela do Canindé⁵, chega a favela com os três filhos, João, José Carlos e Vera Eunice, a caçula. Cada filho de um pai diferente e nenhuma relação durou o término da gestação. Carolina entendia que para ser feliz não necessariamente precisa de um homem ao seu lado, mas dentre alguns de seus poemas expressa a dor da solidão, trata-se da solidão da mulher negra, afinal a afetividade é sempre negada para a pessoa negra, é um legado da escravidão, sendo uma historia coletiva, essa herança espinhosa colocou um padrão de mulher ideal para casar, ter filhos e para mostrar para a sociedade e que raramente é a mulher negra e essa afetividade rara não é só na questão amorosa ela se estende nas demais relações sociais.

⁵ “Situada num terreno público, em um meandro do rio Tietê prestes a ser canalizado, a favela do Canindé originou-se em 1948 por estímulo da própria Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), que concedeu a área para o assentamento de famílias desalojadas da ocupação de um terreno particular, e, treze anos depois, em 1961, foi extinta” (BARONE, 2019.p.43).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



[...]Encontrei com o motorista que veio despejar serragem aqui na favela. Convidou-me para entrar no caminhão. O motorista loiro perguntou-me se aqui na favela é fácil arranjar mulher. E se podia ir no meu barracão. O motorista disse-me que ele ainda estava em forma[...] despedi do motorista e voltei para favela (JESUS, 2020.p.140).

Para além da escassez dos afetos, a mulher negra tem que lidar com a hipersexualização, a objetificação do corpo negro devido a uma visão racista enraizada na sociedade que faz com que a mulher negra seja banalizada⁶.

Carolina, ao se mudar para favela teve que construir sua moradia, seu barracão com as próprias mãos com os materiais coletados pelas ruas, passa a exercer a atividade de catadora de material reciclável e é no lixo que encontra livros, cadernos e começa a escrever sobre o seu cotidiano na favela.

[...]fui lavar roupas. Enquanto as corava eu me sentei na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou-me: - O que escreve? – Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana (JESUS, 2020.p.29).

Na favela do Canindé não tem água enganada, o esgoto é a céu aberto e a energia elétrica é um luxo, a favela possui inúmeros barracos de madeira abrigando moradores de diversas localidades do Brasil. Carolina, não tinha amigos na favela uma ou outra vizinha que tinha mais contato, os moradores a rotulava de antipática, menospreza por se mãe solo e ficavam incomodados ao vê-la sentada na frente da casa sempre lendo ou escrevendo, quando a mesma não estava pelas ruas catando material reciclável para manter a família. “O racismo tem destinado aos negros as tarefas consideradas diletantes ou periféricas da sociedade” (CARNEIRO, 2011.p.125), logo, exerce-se o que o racismo delega. Carolina, sentia diariamente a dor da fome que a rebatia, “Ontem comemos mal. E hoje pior” (JESUS, 2020.p.112). A miséria, a pobreza, a falta de oportunidade, sentia que a favela era o quarto de despejo. “A favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada” (JESUS, 2020.p.137), mesmo com o sentimento de ser uma despejada, de passar

⁶ Desde os tempos da escravatura que as gentes brancas estabeleceram uma hierarquia social assente na raça e no sexo que punha os brancos em primeiro lugar, as brancas em segundo, ainda que por vezes no mesmo patamar dos negros, que se encontram em terceiro, e as negras em último lugar. O que isto quer dizer, no contexto da política sexual da violação, é que se considera mais importante e significativo uma branca ser violada por um negro que milhares de negras serem violadas por um só branco. (HOOKS, 2018. p. 93-4).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

fome, de morar em um barraco, tais circunstâncias não faziam desistir do seu sonho de poetisa, assim, continua indo as redações de jornais em busca de uma oportunidade. No final dos anos de 1950 a imprensa foi chamada na favela para apurar uma denuncia e o reporte era o Audálio Dantas e Carolina utilizou a oportunidade para dizer ao jornalista que tudo aquilo que estava acontecendo na favela ela colocara em seus diários e o jornalista ficou interessado na historia do tal diário eis que surge a amizade entre ambos, uma amizade fadada a alegria e a tristeza.

Audálio Dantas, cumprindo a promessa feita no primeiro encontro, achou um editor para publicar o conteúdo dos diários de Carolina em livro [...] assinatura do contrato com a livraria Francisco Alves (FARIAS,2018. p.198).

Em 1960 é lançado o livro Quarto de despejo: Diário de uma favelada, oriundo de 35 cadernos manuscritos por Carolina que com o auxílio do jornalista Audálio Dantas foi materializado em um livro que virou um *best-seller* em âmbito nacional e que ganhou proporção internacional, com destaque em diversas revistas de renome à época. A obra atingiu recordes de venda, um verdadeiro estouro, em sua primeira edição alavancou a venda de 2000 livros por dia. Vale destacar que o livro recebeu tradução em aproximadamente em 15 idiomas, “Todos os dias chegam cartas de editor internacional, que quer traduzir meu livro. Até eu estou habismada com a repercussão do livro!” (JESUS,2021.p.144). Carolina foi a primeira autora negra brasileira a ter sua obra traduzida, bem como, mais de 40 países acessam sua obra e continuam acessando, como o caso de Portugal, que em 2020 recebe a tradução do livro.

A obra Quarto de despejo: Diário de uma favelada, despertou a curiosidade da sociedade, pois nunca houvera uma narrativa daquele porte, de uma escritora que viesse de dentro da favela e sentisse em seu âmago a fome diária, pautada constantemente com reflexões conjunturais.

Aliás, sobre a fome descrita pela escritora, temos insistido que se tratava de uma fome mais profunda, e não somente a privação, a carência material, mas uma fome física, como metáfora do vazio, da dor, do inexplicável, da vacuidade existencial” (CONCEIÇÃO, JESUS, 2021.p.09).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Carolina retrata o que a maioria da sociedade, o Estado ignora, os inúmeros quartos de despejo e a pobreza extrema. “A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo” (JESUS,2020. p.100).

Carolina, conseguiu a fama, reconhecimento e o acesso a tão almejada sala de visitas. “Desde que vim morar neste barraco, acalanto este sonho: sair da favela, ir residir em um lugar de mais conforto. Há 10 anos que tenho esse desejo” (JESUS, apud FARIAS, 2018.p.254). A saída da favela do Canindé para residir no subúrbio industrial de Osasco foi bem tumultuada, a escritora foi vaiada, xingada e no calor das emoções seus ex-vizinhos arremessaram inúmeras pedras atingindo seus filhos também.

Os quatro deixaram a favela do Canindé sob pedras e se mudaram para Osasco, passando a morar em um porão oferecido por um empresário. Sua aspiração levou um grande golpe, ela logo percebeu que sua nova vida não seria somente flores- ainda haveria muitos espinhos pelo caminho (CONCEIÇÃO, JESUS, 2021.p.18).

Perante toda a fama alcançada de forma extraordinária, Carolina não tinha sossego, recebia inúmeros convites e não os reusava.

E, Carolina, muito sob o efeito de vaidade pessoal, aceitava a todos. Pela manhã autografava livros numa livraria onde a obra estava exposta e sendo vendida; pela tarde falava em algum programa de rádio; à noite, já estava na telinha de um canal de televisão qualquer, exibindo sua bela palavra, mesmo com seu jeito simples, o seu lenço (agora de seda) na cabeça à moda de turbante, ornando de colares de perolas e brincos, e seus longos vestidos, que lhe cobriam todo o corpo, típicos de uma poderosa matrona (FARIA,2018.p.261).

Mesmo com toda fama e sucesso, as pessoas ainda a chamavam de favelada, agrediam seus filhos de forma verbal e física, muitos não a respeitavam, achando um absurdo uma favelada galgar um espaço de notoriedade, afinal, a sociedade estava acostumada a ver o negro em destaque no esporte, na música, agora uma mulher negra com fama internacional e nacional no mundo literário era novidade indigesta.

A casa de Osasco não era própria e ainda ficava muito distante de seus compromissos, logo, conseguiu guardar um dinheiro e comprou um imóvel em Santana, zona norte da cidade de São Paulo, um bairro considerado chique, “[...] o bairro de Santana é bonito. É no topo e as vistas são maravilhosas” (JESUS.b, 2021.p.43). Em dezembro de 1960, Jesus e seus filhos mudam para o bairro de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Santana almejando encontrar sossego e respeito dos vizinhos, mas infelizmente não conseguiu usufruir com plenitude o sossego e nem ter o respeito, a solidariedade dos vizinhos. “- Você é uma negra maloqueira! – Sou de maloca. Fui maloqueira, mas tenho dignidade (JESUS.b, 2021.p.43).

A escritora sempre estava muito nervosa, com inúmeros compromissos, com pessoas a incomodando constantemente, com dificuldade de acompanhar o desenvolvimento das crianças, bem como não tinha a dimensão de quanto dinheiro possuía, pois quando precisava de dinheiro se dirigia até a livraria ou pedia para Audálio, sendo uma espécie de “guardião” do dinheiro. “Ando tão nervosa, que não posso nem ouvir o radio. Não suporto os meus filhos, repreendo-os por coisas insignificantes. Eu estou esgotada com tanta confusões e turtura mental” (JESUS.b, 2021.p.74).

Jesus, se sentia como escrava, porque trabalhava inúmeras horas, mas não conseguia ter momentos de descanso, ela comenta que para ter sucesso exige sacrifícios e muita paciência e que a realização de um ideal pode até escravizar e assim que se sentia, escravizada. Carolina, continuo a escrever seus diários, agora tratava sobre a vida na casa de alvenaria. O novo diário foi indultado “Diário de uma ex-favelada: Casa de Alvenaria”, sugestão do diretor, escritor Francisco Alves e Carolina assinou o contrato com a livraria Francisco Alves e no contrato chancelado rezava que os editores tratariam da parte das traduções dos livros.

Na verdade, autora e editora perderam a mão com relação às traduções, porque indícios indicam que, no estrangeiro, a editora de lá repassava, ela mesma, o direito de edição para outra, de outro país, como aconteceu com a edição americana que saiu dos Estados Unidos para a inglesa, na Inglaterra [...]mas sob o fomento de um único contrato, ou seja a possibilidade de apenas um pagamento de direitos autorais (FARIAS,2018.p.314).

A nova obra foi lançada em 1961 com tiragem inicial de 30 mil exemplares, que infelizmente não decolou como o seu best-seller, nesse mesmo ano a autora estreou o seu primeiro long play (LP) “Quarto de despejo” com 11 faixas autorais que também não foi aclamado pela sociedade. Carolina, entra em um estágio de declínio na carreira. “Era como a população quisesse dar um basta: Chega de Carolina! (FARIA,2018. p.315). Carolina, se vê sozinha, os convites diminuem cada vez mais,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

os “amigos” famosos foram desaparecendo e o dinheiro acabando. A alternativa foi se mudar para Parelheiros em 1964 e realizar seu sonho em morar em um sítio, criar alguns animais, plantar, ter uma vida mais sossegada sem os holofotes da cidade, sem o consumo excessivo, uma vida mais simples, calma para a família e continuar escrevendo⁷.

Na mesma velocidade que sua carreira decolou com sua primeira obra, a mesma velocidade fez a cair no esquecimento. Carolina Maria passa seus últimos anos de vida em Parelheiros e a fome a persegue, do sítio o sustento não era o suficiente o que a fez a voltar a catar papel pelas ruas de São Paulo, sendo rechaçada por outros catadores que a chamavam de rica e não a deixavam pegar o material. Carolina, pensou que viveria o fim dos seus dias usufruindo dos direitos autorais ou da venda direta dos livros, infelizmente, não foi possível, Carolina falece aos 63 anos de idade por insuficiência respiratória aguda, sufocada pela sociedade que por um tempo a idolatrou e na sequencia a deixou cair no esquecimento.

4. CONCLUSÃO

Carolina Maria de Jesus foi uma lutadora nessa sociedade desumana! Mostrou ao mundo que uma mulher negra sem correntes nos pés pode alcançar voos imaginários. Carolina, conheceu diversos países, teve a oportunidade de conhecer políticos, artistas de grande escalão. Saiu do quarto de despejo e adentrou a sala de visita de cabeça erguida, dona de sí. Junto com seus três filhos vivenciou momentos de extrema pobreza, sentia diariamente a dor da fome, do lixo retirou o sapato para calçar, o livro para ler, o caderno para escrever, a sombrinha para se proteger da chuva e a comida para comer. Não tinha vergonha do seu ofício de catadora de material reciclável, ela trabalhava para conseguir o mínimo e por diversas vezes o mínimo não correspondia a realidade da fome. Carolina Maria, foi humilhada,

⁷ A ida para o sítio só agravou o seu esquecimento, pela distancia do grande centro nervoso da cidade, e aumentou o seu mau humor, cada vez mais ácido [...] Isto elevou o conflito com os filhos, que eram obrigados a ficar em casa, levando uma vida de roceiros [...] A mãe já estava mais acostumada com essa vida, pois a viveu desde menina e parte da adolescência [...] Nesse período Carolina participou de pouquíssimas atividades culturais ou literárias” (FARIA,2018.p.337).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

maltratada, enganada, roubada, vítima de racismo, sexismo...sofreu, contudo, não desistiu do seu sonho de ser reconhecida por sua arte, pelos seus talentos, por suas poesias e obras literárias.

Carolina, uma mulher negra, com ensino fundamental incompleto enfrentou uma sociedade patriarcal, racista, misógina, machista e nos ensinou que a luta para sobreviver é uma constância na vida de uma mulher negra!

Carolina Maria de Jesus, presente!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silva Luiz de(org). **Marxismo e questão social**. Dossiê margem esquerda. São Paulo: Boitempo, 2021.

BALTAZAR, Cristina Gomes. **A Habitação de Interesse Social e o Direito à Cidade: entre os distritos de Cidade Tiradentes e Grajaú**. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social, 2021.

BARONE, Ana Cláudia Castilho. **Negra ou pobre? migrante ou despejada? Carolina de Jesus e o enigma das classificações (1937-1977)**. Bahia: universidade Federal da Bahia-UFBA: Revista Afro-Ásia, nº59. 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CONCEIÇÃO, Evaristo. JESUS, Vera Eunice. **Outras letras: Tramas e sentidos da escritora Carolina Maria de Jesus**. In: JESUS, Carolina Maria de. Casa de alvenaria. Volume 1:Osasco. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

FARIAS, Tom. **Carolina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

HOOKS, bell. **Não serei eu mulher?As mulheres negras e o feminismo**. Tradução: Nuno Quintas. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**, volume 1: Osasco. 1.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2021

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**, volume 2: Santana. 1.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2021.b

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. 1.ed. São Paulo: Ática, 2020.

MOURA, Clovis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL



REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

PROMOÇÃO



APOIO

